



OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

30 de Janeiro de 1910

Composto e Impreso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 57

N.º 1119

CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou ha poucos dias a Lisboa um cidadão francês, acompanhado e aqui apresentado pelo sr. Xavier de Carvalho, que pretende realizar nesta cidade uma grandiosa exposição internacional de sua iniciativa, acenando-nos a este respeito com mundos e fundos, e contentando-se com um subsidio de seiscentos contos, a cedencia de alguns corêtos que já têm servido em varias festas publicas, e que pertencem ao Estado, e a licença para instalar a dita exposição na Tapada da Ajuda. Como compensação immediata destes pequenos favores, esse cavalheiro oferece uma importante percentagem nos lucros do certamen para os serviços da nossa beneficencia publica.

Todos nós sabemos que quasi todo o francês ignora onde fica Portugal, o que é Portugal, e o que em boa verdade ethnica são os seus habitantes. Uns estão persuadidos de que nós somos Hespanha, outros de que só somos Africa, e aquelles que não têm a respeito dos portuguezes uma opinião de *concierge* portadora de alguns titulos da nossa divida externa com voto nas assembléas geraes convocadas e presididas pelo Senhor de Reillac, supõem-nos uns cafres domesticados pelo Junot, pela Sara Bernhardt e pelo Crédit Lyonnais.

Partindo deste principio, não deverá nunca surpreender-nos que qualquer francês se lembre de vir aqui tentar ou engrossar fortuna á custa da nossa selvageria nacio-

nal. Assim têm feito outros que não se pôde dizer fôssem peores do que este, como por exemplo o Sr. Hersent, o Sr. Bartissol, *et j'en passe*. O que nos surpreende é que seja um nosso compatriota, como supomos que ainda é o sr. Xavier de Carvalho, quem nos traga p'la mão este francês e no-lo ponha á perna!

A's horas que são, ainda o sr. Xavier de Carvalho e o seu franciú imaginam que Lisboa acre-

ditada na possibilidade de realizar dentro dos seus muros, antes de vinte ou trinta annos, uma exposição internacional da importancia que tiveram as recentes exposições de Milão e de Londres?

Isto antes de mais nada.

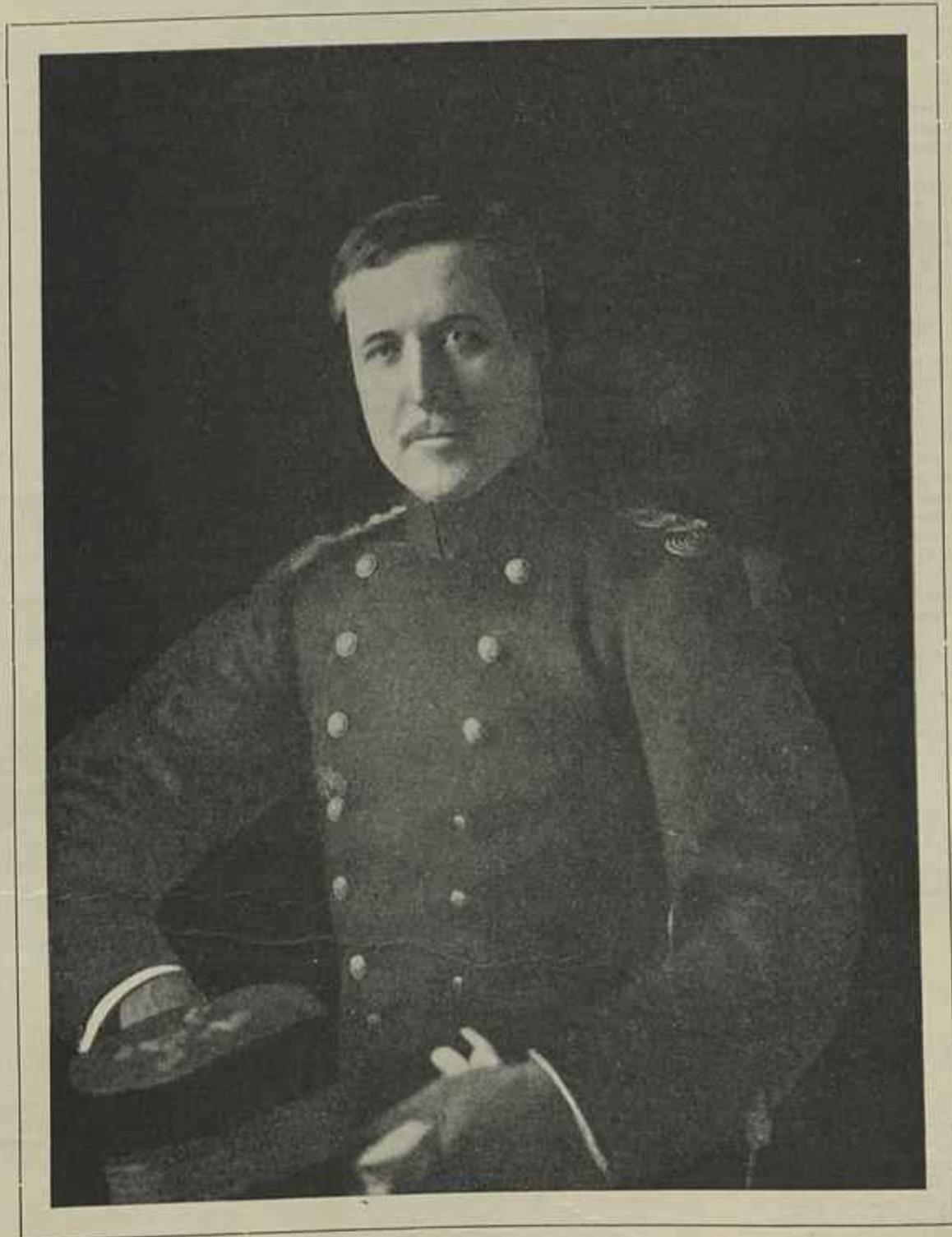
Em seguida, digam-nos: julgam-nos ainda tão erradamente o nosso antigo compatriota Carvalho e mais o seu companheiro de viagem, que seja sua persuasão de ambos o ser muito possivel

impingir-nos uma grandiosa exposição internacional neste anno corrente de 1910, (segundo informaram as folhas), não sendo preciso para isso mais de seiscentos contos, alguns corêtos de filarmónica e a trapagem que tem sobejado das decorações dos arraaes do Estado?

Depois digam-nos especialmente o Sr. Xavier de Carvalho: não é o proprio Sr. Xavier de Carvalho o primeiro a estar convencido de que o seu francês não veio até cá senão para nos mistificar, apresentando-se porém em termos que ainda por cima nos collocam na situação de termos de lhe ficar muitissimo agradecidos?

Mas tudo isto não passa, afinal, de palavriado, e o que vae acontecer é, pouco mais ou menos, o seguinte:

O iniciador ou iniciadores da exposição começam por sollicitar dois dedos de cavaco com o Sr. Presidente do Conselho, e S. Ex.ª consente em os ouvir. Pedem-lhe os seiscentos contos, os corêtos e a trapagem, e S. Ex.ª, não podendo dar-lhes seiscentos contos com a mesma facilidade com que poderá mandar dar-lhes o resto, não lhes dirá todavia abertamente que não. Terá de levar o caso ao conselho de ministros em primeiro lugar; terá depois de pedir autorisação ás



S. M. ALBERTO I, NOVO REI DA BELGICA
(De fotografia)

Camaras; etc. Alguma esperança lhes dará, a sua boa vontade levá-lo-ha mesmo a dar-lhes muito boa esperança de que tudo se arranjará a contento.

Os salamáiques não de ser sem conto, porque é sabido como os francezes gostam do salamáique e o uso que fazem d'elle quando querem ser servidos.

A imprensa ha-de agitar vivamente o assumpto. Já até começou a agita-lo, tendo nós lido algures que «todas as circumstancias se apresentam extremamente favoraveis á idéa da exposição». Os retratos do Sr. Xavier de Carvalho e do seu amigo não de ser reproduzidos, pelo menos, um dia sim outro não, durante dois ou tres mezes, nos nossos jornas de maior circulação. As *interviews* dos nossos mais intelligentes reporters com o Sr. Xavier de Carvalho e com o seu amigo, não de succeder-se ao desafio em columnas sobre columnas. Ha de haver um momento, um dado momento, em que elles não de ser, verdadeiramente, os homens do dia.

Entretanto, a Arcada habituar-se ha a vê-los, pontuaes, firmes, persistentes, das duas ás seis da tarde, ora á porta do Ministerio do Reino, ora á porta do Ministerio das Obras Publicas. Os continuos dos gabinetes dos ministros não de chegar a conhecê-los á legua, e não de contar-se por centenas os cartões de visita que lhes não de passar pelas mãos annunciando os Srs. Xavier & Companhia.

Entretanto, o Sr. Beirão, de cada vez que se apeara da sua carruagem, ou para ella subir, á porta do seu Ministerio, ha de ser abordado pelos dois amigos, que de cada vez terão encontrado um novo pretexto para o atracção. E o nobre presidente do Conselho, que começará amavelmente por lhes sorrir, acabará por lhes fazer uma carranca medonha.

Mas a persistencia delles será uma coisa sem limites e ha de mais de uma vez fazer pensar ao Sr. Beirão na necessidade de empregar os calumelanos e o alcool, se uma providencial quédia do ministerio não vier livrá-lo de semelhantes bichos!

Dar-se ha então a quédia do ministerio, sem que o Sr. Xavier de Carvalho tenha podido obter os seicentos contos para o seu amigo franciú; e quando o novo ministerio se apresentar a tomar conta dos negocios publicos, o primeiro caso bocado que terá de se lhe apresentar será — imagine-se agora o que? — uma reclamação do homem do certamen, bramando que o Governo portuguez, tendo-lhe acarretado graves e profundos prejuizos com a falsa promessa dos seicentos contos e não lhe havendo dado nem a ponta d'um charuto, seria obrigado a pagar-lhe uma forte indemnisação!

Esta só p'lo diabo, mas já então não havia outro remedio senão chamar o homem ás boas, convidá-lo a acceitar uma arbitragem para se fixar a indemnisação, e fazer depois constar pelo *Correio da Noite*, se o Governo fór outra vez progressista, ou pelo *Dia*, se fór Governo o Sr. Alpoim «que a somma fixada não chegará a atingir mil e duzentos contos». E o *Dia* acrescentará, ou acrescentará o *Correio da Noite*: «Não temos senão que nos congratular com o Governo por este satisfatorio resultado a que foi possível fazer chegar as difficeis negociações.»

Quando o *Mundo* e os outros jornaes, que a esse tempo sejam opposição, começarem a berar em grossos normandos: *Mais um escandalo! O thesouro a saque! Mil e duzentos contos roubados ao contribuinte!* já o Sr. Xavier de Carvalho e o seu amigo irão muito bem repimpados nos sofás do *Sud-express*, a caminho de Paris, de regresso á civilisação.

Um raio nos parta, se não é nisto, ou em coisa semelhante, que vem a dar a grandiosa exposição internacional de 1910... na Tapada da Ajuda!

JOÃO PRUDENCIO.

Os novos reis da Belgica

Pela morte do rei Leopoldo II, de que esta revista se occupou no seu n.º 1117, subiu ao trono da Belgica, por linha de varonia, o principe Alberto Leopoldo Clemente Maria Meinrad, quarto filho do falecido conde de Flandres, irmão do rei Leopoldo, e da princesa Maria de Hohenzollern.

O conde de Flandres seria o herdeiro do trono da Belgica, mas tendo falecido succedeu-lhe nesse direito seu filho primogenito o principe Baudoin,

o qual morreu em 23 de janeiro de 1891, passando assim a successão ao principe Alberto que era o herdeiro immediato por varonia.

O novo rei da Belgica nasceu em Bruxellas a 8 de abril de 1875 e casou em Munich a 2 de outubro de 1900 com a princesa Isabel da Baviera, filha do duque Carlos Teodoro e da princesa Maria José de Bragança, filha de D. Miguel I e da princesa Adelaide Sofia de Bragança, pelo que senta-se hoje no trono da Belgica uma princesa da casa reinante de Portugal.

A educação do rei Alberto I desde que a sorte o constituiu herdeiro de um trono, tomou nova orientação dirigida por seu tio, o rei Leopoldo. O principe Alberto, que até ali fóra um estudante um tanto remisso, dedicou-se então ao estudo com vontade, sob a direção de bons mestres, mostrando a sua grande inclinação para a engenharia, e nestas boas disposições entrou, em 1893, para a Escola Militar onde fez todos os cursos e exames com os seus condiscipulos. Ao mesmo tempo seguia estudos universitarios, tendo por preceptor a Julio Bosmans que lhe ministrou noções geraes de direito publico e economia politica.

Em 1892 entrava no exercito com o posto de segundo tenente, seguindo depois os postos immediatos até ao de general a que foi promovido em 8 de abril de 1904.

A sua educação diplomatica esteve a cargo do barão Lambertoni, ministro de estado, secretario geral do ministerio dos estrangeiros e que foi conselheiro muito intimo do rei Leopoldo.

O rei Alberto I tem viajado muito, chegando até á America e á Africa onde visitou o Congo.

A princesa Isabel, sua esposa, possui tambem uma educação esmerada, tendo igualmente viajado muito, ainda quando solteira, em companhia de seus paes. Tem grande paixão pela musica, como toda a familia Wittelbasch, a que pertence, e é uma violinista distinctissima.

Vivendo com seu marido e filhos, que já tem tres, numa grande simplicidade de habitos, evitando quanto possível as etiquetas da corte, uma das suas mais estimadas distrações é a musica, que em familia cultiva.

O novo rei da Belgica é em extremo querido do seu povo, com quem tem convivido, visitando fabricas e oficinas, conhecendo todos os processos industriaes, chegando até ás minas, que muitas vezes tem percorrido inteirando-se da rudesa daquelles trabalhos.

Assim tem naturalmente conquistado a estima dos belgas, que vêm nelle o continuador do rei Leopoldo, que foi um grande protetor pratico das artes e industriaes do seu país, promovendo-lhe o florescente estado em que o deixou.

O rei Alberto I prestou juramento perante as côrtes no dia 23 de dezembro ultimo.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O Marechal Massena

André Massena, duque de Rivoli, principe de Esseling, marechal de França, nasceu em Nice em 1756 e morreu em Paris em 1817. Era filho d'um vinhateiro e ficou orphão de tenra idade alistando-se em 1775 nos Reaes Italianos onde chegou a ser ajudante.

Deixou o serviço militar em 1789 retomando o em 1791 como ajudante major do terceiro batalhão de voluntarios do Var. Foi feito coronel no anno seguinte, concorrendo para expulsar os Austro-Sardos do condado de Nice, sendo promovido a general de brigada e depois de divisão em 1793.

Em 1794 tomou Oneglio e desalojou os piemontezes das alturas de Saorgio; em 1795 sob as ordens de Kellerman e de Schérer, rechaçou os austriacos impellindo-os da Liguria para os Apeninos. Durante a campanha de 1796, como comandante da guarda avançada do exercito de Bonaparte, mereceu-lhe o ser cognominado — *l'enfant chérie de la victoire*.

Nomeado em fevereiro de 1798 governador dos Estados romanos, teve que lutar contra a insubordinação das suas tropas e foi obrigado a abandonar o seu cargo. A sua habilidade de estrategico revelou-se durante a campanha de 1799. Posto á frente dos exercitos da Helvecia, do Danubio e do Rheno, estabeleceu-se na Suissa, rechaçou do Cantão de Grison, os austriacos do general Auffenberg, sobre o Rheno os de Hotze,

e emquanto o seu logar tenente Lecorbe sustinha os russos de Souvarov nas gargantas de Saint-Gothard, concluia a derrota da colligação pela sua admiravel victoria de Zurich.

Em fevereiro de 1800 enviado á Italia pelo primeiro consul, Massena foi bloqueado em Genova pelos austriacos, fazendo uma heroica resistencia durante quatro mezes, preparando a victoria de Marengo.

Deputado pelo Senna em 1803, recebeu no anno seguinte o bastão de marechal. Em 1805 conteve o archiduque Carlos em Italia e assegurou ao rei José a posse do reino de Napoles em 1806. Em 1807 commandou a ala esquerda do Grande Exercito na Polonia impedindo os russos de tornear a linha d'operações do exercito francez, recebendo o titulo de duque de Rivoli. Mas foi durante a campanha de 1809, sobre o Danubio, que a reputação militar de Massena attingiu o seu apogeo: vencedor do archiduque Carlos em Ecmühl, cobriu-se de gloria em Essling e Wagram. Napoleão em recompensa deu-lhe o titulo de principe de Essling.

Massena, como bem suppunha o auctor da carta que vamos publicar, foi menos feliz em Portugal contra o Wellington. Mal secundado pelos seus generaes elle não poudo forçar as linhas de Torres Vedras depois de ter sido repellido no Bussaco com grandes perdas, sendo obrigado a internar-se na Hespanha em 1811. Foi desde então desfavoravel a sorte das armas do exercito francez na peninsula. O exercito aliado impelliu-os deante de si, até pisar triumphante o solo meridional da França.

Massena, que a campanha de Portugal desacreditara, junto do imperador, esteve dois annos privado d'emprego, tendo lhe sido dadas em 1813 as funções subalternas de governador de Toulon. Ligou-se em 1814 aos Bourbons, conservando-se inactivo durante os Cem dias, sendo nomeado depois de Waterloo governador de Paris.

Morreu pouco depois d'uma doença do peito deixando da sua memoria poucas sympathias, não correspondendo o seu talento militar ao seu character, pois era d'uma ambição sem escrupulos e d'uma ingratidão censuravel.

Publicamos em seguida a carta que lhe foi dirigida pelo auctor do antigo *Telegrapho Portuguez*, carta que julgamos curiosa, d'um interesse geral para os estudiosos e que prova pelas prophcias do articulista, como a confiança renascera, atravez as desgraças da guerra no espirito da nação.

RIBEIRO ARTHUR.

CARTA

Dirigida a S. A. Mr. Massena, General em Chefe da Expedição contra Portugal, pelo auctor do antigo «Telegrapho Portuguez», em que se pretende demonstrar a «inconquistabilidade» da Hespanha, e o «absurdo» de pretender conquistar Portugal.

Nos actuaes maravilhosos tempos, em que basta sonhar com um reino para se intitular Rei, tropeçar com uma corôa para ser coroado, assistir a uma batalha para ser Principe do logar em que se deu, atravessar uma villa para ser Duque d'ella; n'estes tempos escuros, digo, em que ninguém sabe para o que nasce, se para ser Imperador dos Francezes, se para cortar carne humana no cêpo da guilhotina, perdõe V. A. se vou tratar o por *Vós: razão sufficiente* d'este meu procedimento existe em um *sonho* que tive uma d'estas noites, achei-me nomeado, não sei como, nem por quem, Vice-Rei do Piemonte, patria de V. A.; como pois corre por estes sitios, que V. A. vem aviado da França com todos os poderes, *Cartas, Patentes, Senatos Consultos* organicos e desorganizados, *Decretos Imperiaes, Proclamações Napoleonicas*, e toda a mais *papelada*, para, dizem, tomar posse de Portugal em qualidade de Vice-Rei; achamo-nos irmãos tanto em nossas dignidades, como na maneira de as haver conseguido; é forçoso pois tratarmos-nos sem cerimonia como de igual para igual: não chamarei comtudo V. A. por *tu*, tal tratamento só compete aos que não sonham *Reinos*; a nós outros que temos a singular virtude de nos deitarmos *Farropilhas*, e amanhecermos *Marechães, Duques, Príncipes* e *Vice-Reis*, é que pertence exclusivamente o *Vós*. Assim lá vai.

Vós sabereis antes que tudo, meu Vice-Rei, que estou na posse de cumprimentar e dar conselhos a quantas *gordas e grossas* personagens o Imperador dos Francezes se tem dignado mandar para o Governo de Portugal: abandonei o uso das dispendiosas *Deputações*, pareceu-me

mais succinto mandar uma Carta, do que emprehender uma longa viagem. Sua *Excellencia Sultense* fazendo ou não caso o anno passado de meus conselhos; é certo que emalou os *tarecos* e fugiu da cidade do Porto; verdade é que se abraçasse a tempo meus saudáveis conselhos, podia ter sahido com decencia, e ao menos acabar de jantar. (1)

Victor, que tambem teve *comichões*, quando se achava em Alcantara, de entrar em Portugal, louvou a Deus os meus conselhos, e retirou-se a toda a pressa; e é justo que publique em abono da verdade, que este Marechal é summamente docil; pois tendo lhe dado a entender que ainda tinha tempo de ser honrado, voltando para a França, e ahí por boas acções fazer esquecer os *atrazados*: sabemos que deixou o commando do seu tal ou qual exercito, e lá vai para a França naturalmente fazer o que lhe aconselhei. Deus o encaminhe bem e se lembre d'elle á hora da morte, dando-lh'a mui prompta e brevemente.

Não estranhareis se vos disser, que me atrevi aconselhar o mesmo vosso imperador e seu irmão o Rei philosopho, que nós apenas conhecemos pelo *grutesco* nome de *Pepe Botelhas*; porém, com magua vos participo, que nem um nem outro fizeram caso dos meus avisos; mas que se devia esperar da *raça dos teimosos!* Nós veremos, meu Vice-Rei, se elles um dia torcem a orelha; o que posso já certificar-vos é que o *philosopho* Rei não poucas vezes terá já arrepelado se por não seguir os meus *dictames*, pois passa como certo que seu Irmão o conserva na Hespanha para *espantalho*, sendo no fundo das cousas um *Rei de Comedia*, visto nada dizer nem fazer se não o que sóbe á fantasia do Imperador dos Francesses, chegando a tal sua lastima, que não poucas vezes ignora as mudancas que no seu Reino lhe aprás fazer o dito Imperador, admirando-se, como eu, quando as lê nos papeis publicos.

Posto isto, meu Vice-Rei, não deveis admirar vos se peço na penna para aconselhar-vos: sei que tendes idade para conhecer o mundo, não ignoro a larga experiencia que vos tem dado as continuas guerras, mas tambem conheço que a guerra da Peninsula é inteiramente nova para vós, e que n'ella sois tão *boçal* como o primeiro soldado do grande exercito d'Alemanha; senão perguntai o a Murat, Soult, Junot, Moncei, Victor, Neí, Augerau, Bessiers, Jourdan, Le Febre, Sebastiani, e tantos outros, que tendo sido sempre triumphantes lá n'esses Nortos ou Italias, vieram *esbarrar-se* na Peninsula. Tanto isto é verdade, que o vosso Imperador vendo a *impotencia* da maior parte dos seus marechaes, tem mandado recolher ao *vestuario* parte d'elles, taes são entre outros Jourdan, Victor e Augerau; não fallando na *cresta* que tem levado os generaes de divisão e alguns governadoresinhos de *pé de castello*, que Bonaparte intitula governadores de provincia.

Faltaveis vós, Vice-Rei, por passar pela experiencia, que eu chamarei *prova de bomba*, e se Oudinot, Davoust, Marmont, Bernardotte, e o amigalhão Berthier não tem vindo brandir a lança, tem sido por não dever Bonaparte ficar sem columna alguma do seu *Edificio imerial*.

Passo portanto a instruir vos do *lingaró* em que vosso amo vos meteu, e como d'elle vos podeis tirar, se presaes não só a gloria militar que adquiristes na Italia, Suissa, e ultimamente na Alemanha, mas alguma honra que por esquecimento tiverdes ainda conservado, o que me custará muito a crêr; pois é de fé, que não subireis ao posto de marechal, e muito menos ao alto titulo de principe, se Bonaparte vo-la tivesse, não digo lombrigado, mas apenas presumido: farei pois por demonstrar-vos, que sendo, no estado actual das cousas, impossivel conquistar a Hespanha, é um absurdo preten ler conquistar Portugal! Não vades arrear a sobranceira, fazer duas carantonhas á *franceza*, abrir a boca por desprezo, e tratar de herencia esta minha propositão: nem tanto amor proprio ó meu Vice-Rei, contentai vos com ser general, e mesmo dispenso vos a basofia de pretender ser um dos melhores da França; mas tende ao mesmo tempo a docilidade

de convir commigo, que o homem empregado quasi toda a sua vida em destruir o *phísico humano*, não conhece o seu moral, não podendo por sua ignorancia antever acontecimentos, que se derivam d'esta unica fonte; n'isto julgo-me mui superior a vós, pelo que tomo a meu cargo revelar vos verdades que inteiramente desconheceis.

(Continúa)

Uma esquadra franceza no Tejo

Entrou o Tejo no dia 20 do corrente, uma esquadra franceza do comando do vice almirante Aubert, a qual veiu testemunhar as cordeas relações existentes entre a França e Portugal.

A esquadra é formada por duas divisões, sendo a primeira composta dos seguintes vasos de guerra: couraçado *Saint Louis*, navio almirante, tendo por chefe do estado maior o capitão de mar e guerra Serres e por comandante o capitão de mar



S. M. A RAINHA ISABEL DA BELGICA

(De fotografia)

e guerra Benoit; couraçado *Gaulois* do comando do capitão de mar e guerra Morin; couraçado *Charlemagne* comandado pelo capitão de mar e guerra Morier. A segunda divisão composta dos couraçados *Bouvet*, *Jauréguerry* e *Carnot* respectivamente do comando do contra-almirante Berryer, chefe desta divisão, e dos capitães de mar e guerra Le Connellier e Journet, sendo o chefe do estado maior da divisão o capitão de fragata Champeaux La Boulaye.

Tão honrosa visita tinha de ser recebida com todas as demonstrações de simpatia da nação portugueza pela França, e primeira da raça latina que tanto a honra na vanguarda da civilização.

Organizou se, portanto, um programa oficial para a recepção e festas em honra dos nossos hospedes, da seguinte fórma:

Apresentação pelo sr. ministro de França da officialidade superior da esquadra, a El Rei, no paço das Necessidades; visita a bordo dos srs. ministros dos estrangeiros e da marin'a; jantar no paço em honra da officialidade da esquadra com assistencia do presidente do conselho e dos ministros dos estrangeiros e da marinha; baile na legação franceza a que assiste Sua Magestade El-Rei e Sua Alteza Infante D. Affonso; jantar

no palacio de Belem oferecido pelo governo, em honra da officialidade da esquadra.

Completando este programa, houve passeios pela cidade e visitas aos principaes monumentos, um *Punche* oferecido pela Camara de Comercio Franceza, no Avenida Palace, etc.

Sua Magestade visitou o navio almirante *Saint Louis* no dia 24, havendo almoço a bordo, em que se trocaram brindes muito afétuosos por parte de El Rei D. Manuel e do vice-almirante Aubert.

O baile na legação franceza foi uma linda festa, em que tomou parte El Rei e o sr. Infante D. Affonso, a côrte, todo o ministerio, corpo diplomatico, membros mais distintos da colonia franceza em Lisboa, além da officialidade superior da esquadra em honra de quem era o baile.

Mr. René Taillandier e Madame Taillandier, ministros de França, receberam principescamente seus convidados, no antigo palacio dos marquês de Abrantes, onde se acha instalada a Legação de França.

Na quadrilha de honra, Sua Magestade dançou com Madame Taillandier, tendo por *vis-à-vis* Mr. Sauce e a sr.^a condessa de Sabugosa; o sr. Infante D. Affonso dançou com Madame Keyander, tendo por *vis-à-vis* Mr. Aubert, vice-almirante da esquadra e a sr.^a D. Ignez de Azevedo Coutinho, esposa do sr. ministro da marinha.

O sr. presidente do conselho com Madame Doude, *vis-à-vis* Mr. Keyander com a sr.^a condessa de Figueiró.

O sr. conde de Sabugosa com a princesa de Ratibor, esposa do sr. ministro da Alemanha, *vis-à-vis* com o sr. marquês de Paolucci, ministro d'Italia, com a sr.^a condessa das Galveias.

O sr. conselheiro Villaça com Madame Sagatume, esposa do sr. ministro da Republica Argentina, *vis-à-vis* principe de Ratibor, ministro da Alemanha, com a sr.^a marquêsa de Castello Melhor.

Conselheiro Azevedo Coutinho com a sr.^a marquêsa de Guell, esposa do encarregado dos negocios de Hespanha, *vis-à-vis* Mr. Donde e D. Anna de Sousa Coutinho.

General Pimentel Pinto com a sr.^a marquêsa de Unhão, tendo como *vis-à-vis* o sr. ministro da justiça e a sr.^a D. Rosa Espregueira.

Marquês de Pombal com a sr.^a marquêsa do Funchal, *vis-à-vis* contra-almirante da esquadra franceza Mr. Berryer e a sr.^a condessa de S. Lourenço.

Comandante Serres com a sr.^a marquêsa de Sousa Holstein, *vis-à-vis* conde das Galveias e Madame Salsford.

Conselheiro Campos Henriques com a sr.^a condessa das Alcaçovas, *vis-à-vis* conde de S. Lourenço com a sr.^a condessa d'Asseca (D. Carolina).

Marquês de Sousa Holstein com Madame Doucet, *vis-à-vis* o dr. Baldomero Sagatume e a sr.^a D. Anna Soares Branco.

Comandante Morier com a sr.^a condessa da Figueira, *vis-à-vis* marquês de Castello Melhor com a sr.^a D. Jesus Ayres de Ornellas.

Comandante Morin com a sr.^a D. Marianna de Sousa Coutinho, *vis-à-vis* D. Fernando de Serpa com a sr.^a condessa da Ponte.

Antes da abertura do bufete, foi servida a ceia a Suas Magestade e Alteza, tomando parte o sr. ministro de França, condes de Sabugosa e de Figueiró, Mr. e Madame Keyander, conselheiros Beirão, presidente do conselho, Villaça, Azevedo Coutinho e esposa, almirantes Aubert e Berryer, com os dignitarios de serviço.

O baile, em extremo animado, foi uma festa como ha muito não havia na nossa côrte.

A esquadra levantou hontem ferro, deixando o Tejo.

A questão de limites de Macau

Desde cerca de um anno que se ventila entre o governo portuguez e o da China uma questão de limites da nossa possessão de Macau, á qual deu motivo, como se sabe, a apreensão feita em tempo por uns barcos chinêses de um outro japonês, encontrado com armamento nas aguas de Macau.

(1) É um facto, que este marechal e-tando já a meza posta para jantar, se viu obrigado a montar a cavallo em jejum, para fugir dos Inglezes.

O governo do Japão reclamou do nosso governo sobre este facto, mas o governo português desinteressou-se da questão, alegando que o apreendimento fôra feito em aguas chinêsas. Em virtude disto o Japão apresentou as suas reclamações ao governo chinês e o Celeste Imperio, depois de discutir o caso, pagou qualquer indemnização ao reclamante.

Desde logo, porém, a China levantou questão com o governo português sobre o limite dos nossos domínios em Macau, pelo que Portugal enviou ali uma missão, tendo por chefe o sr. general Joaquim José Machado, muito conhecedor das coisas do Ultramar, para se entender com a missão chinês e revalidar os nossos direitos e posse secular.

Mas as negociações não chegaram ainda a bom termo, se é que não estão completamente frustradas, a despeito de todos os esforços empregados pela missão português para vencer e convencer os commissarios chinês a aceitarem os limites ha quatro seculos estabelecidos e reconhecidos pelo Celeste Imperio.

A missão português chegou a apelar para a arbitragem internacional, mas os chinês não a querem aceitar, o que poderá trazer complicações, pois que ás potencias da Europa que tem seus interesses no Extremo Oriente não convem que a China prepondera no porto de Macau, além de abrir um mau precedente para quaesquer questões futuras em que o imperio chinês não se sujeite aos tratados de arbitragem.

A China, nos ultimos annos, não encara bem o dominio português em Macau e a sua politica moderna só esperava um pretexto para nos despossar desse dominio, no todo ou em parte, achando agora o de-



MARECHAL MASSÉNA, DUQUE DE RIVOLI, PRINCIPE D'ESSLING

sejado momento de o fazer, principiando por querer retirar-nos a posse da ilha Verde, incluída na península que fica entre esta ilha e a da Lapa, no porto de Macau, assim como querendo limitar a fronteira português a antiga muralha da cidade, de ha muito demolida, ficando assim a península de Macau pertencendo metade a Portugal e a outra parte á China.

E' claro que a missão português não aceitou este desmembramento da nossa antiga possessão, e rompen as negociações.

Desde os meados do seculo XVI que os portuguezes estão de posse de Macau e ali estabeleceram, pelos annos de 1556 a 1557, uma povoação denominada *Santo Nome de Deus de Macau*.

Os portuguezes já se encontravam estabelecidos na India e não descuraram de se relacionarem com a China, visitando uma vez e outra os portos da costa, quando se lhe deparou ensejo de dar caça ao famigerado pirata Chan-si lau que, com um bando de companheiros, assaltava as terras chinêsas do litoral.

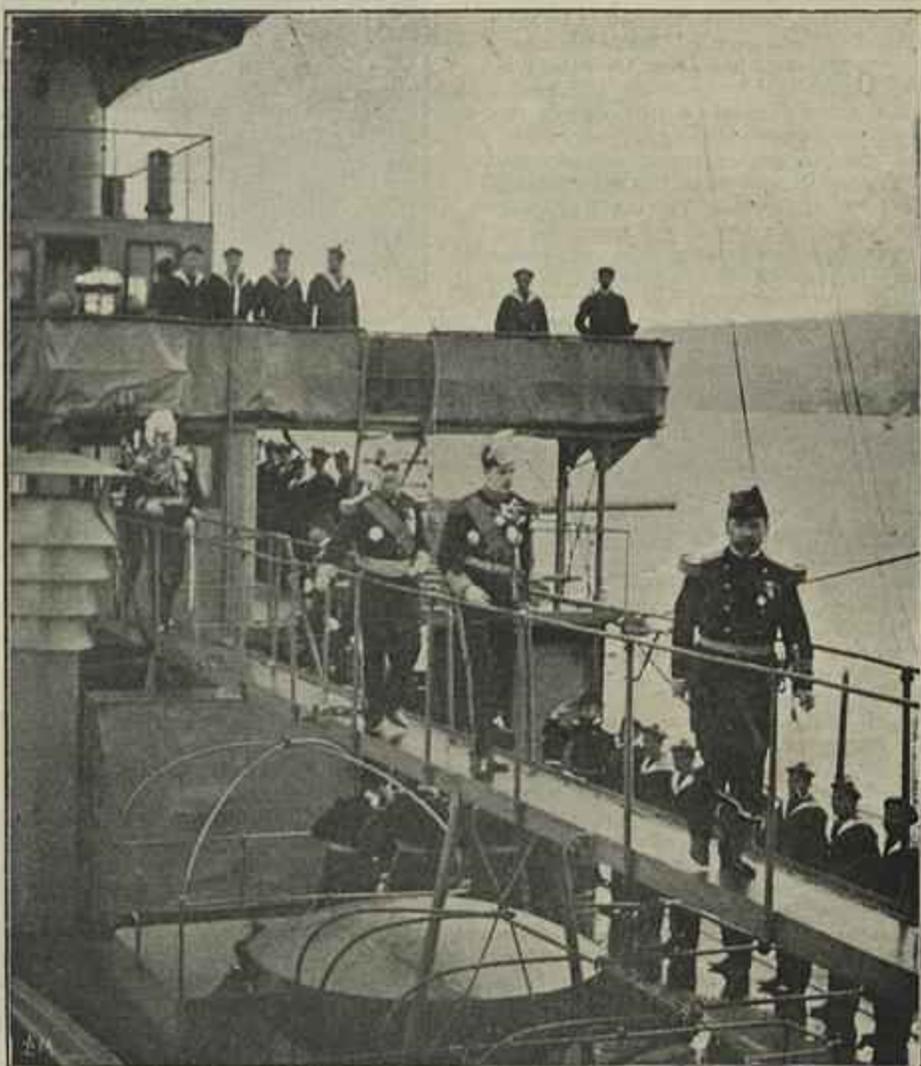
Foi uma armada do comando de Fernão Martins que, indo para a India, deu caça a Chan-si lau, armada em que, parece, ia Luis de Camões, o nosso epico que em Macau escreveu o seu immortal poema.

Este serviço teve a sua recompensa do imperador da China Kinsing que, em sinal de reconhecimento, deu aos portuguezes a posse da península situada no extremo S. E. do imperio, a 22° 12' 44" de latitude N e 122° 43' 45" de longitude L, ligada por uma curta faixa de terra á grande ilha Hian-Chan.

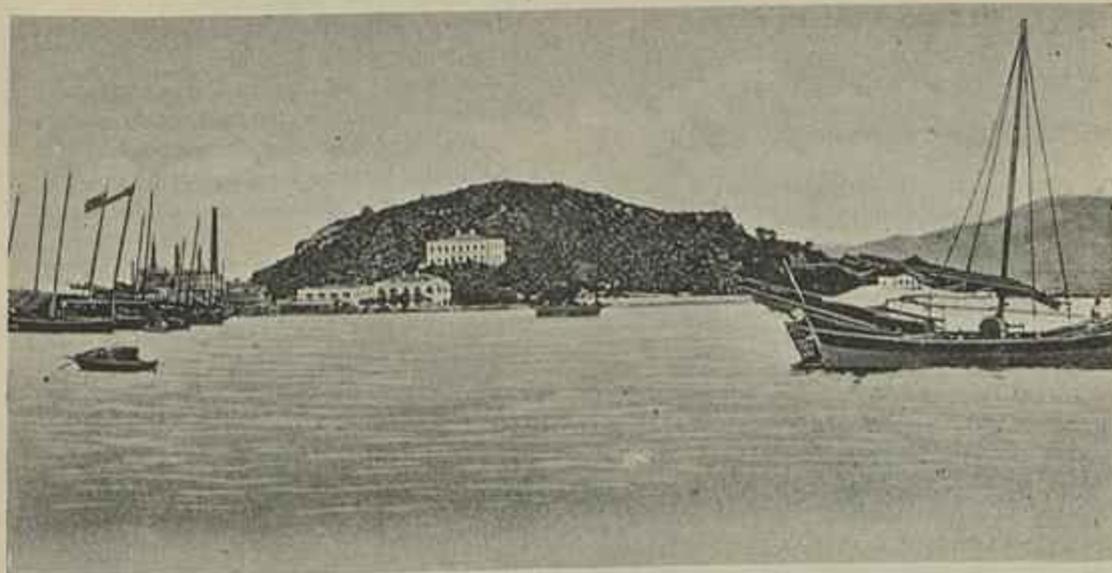
Assim ficaram estabelecidos os portuguezes no extremo S. E. do imperio chinês, fazendo ali uma das suas possessões mais florescentes, no convívio com os chinês, que



UMA ESQUADRA FRANCESA NO TEJO
O COURAÇADO «SAINT LOUIS», NAVIO ALMIRANTE
S. M. EL-REI D. MANUEL
A BORDO DO COURAÇADO «SAINT LOUIS»
(Clichés Alberto Lima)



A questão de limites de Macau



A ILHA VERDE

afinal é o grosso da população, para o que bastará dizer que esta é superior a 60.000 chins, enquanto a portuguesa não chega a 5.000.

Macau chegou a ser o primeiro porto de commercio do imperio chinês, alargando suas relações com o Japão e a Europa.

Com o dominio espanhol em Portugal, tanto sentiu este país como as suas vastas possessões, e Macau perdeu muito do seu esplendor, não perdendo os chinêses ocasião de se imporem, e ainda os holandêses de tentarem apossar-se da cidade, em 1622, o que não conseguiram e antes foram completamente derrotados, pelos poucos portugueses que se apuseram ao seu intento.

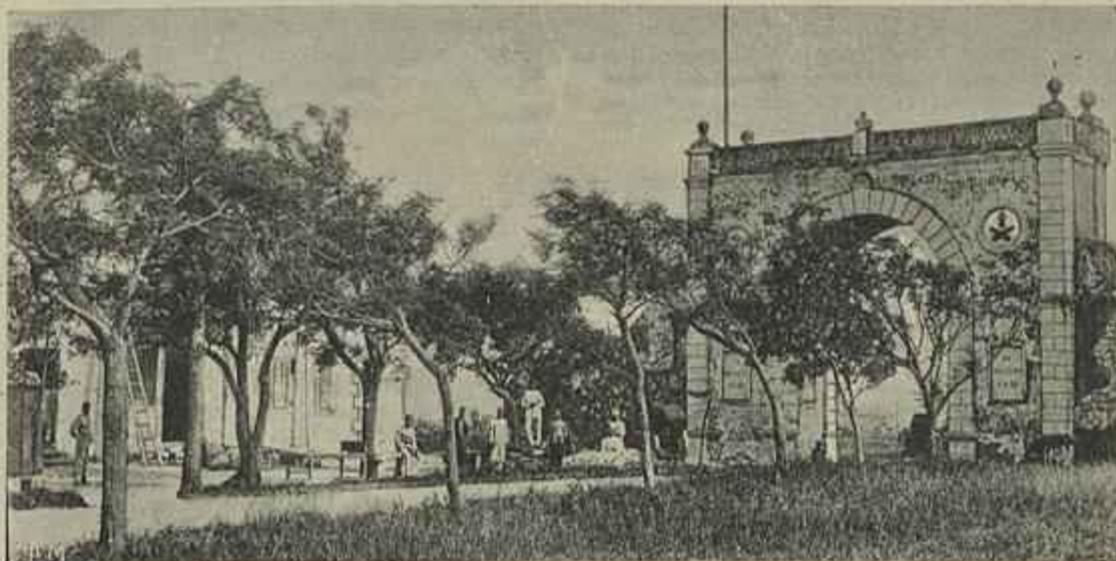
E' a posse secular e os direitos de occupação sempre mantida e integra, que o governo chinês agora questiona, querendo esbulhar Portugal de parte dessa possessão agora, e de pois irá o resto?...

O tratado de 1887, ratificado em Téem-Tsin, em 1888, confirmou aquella posse secular, ficando apenas sujeito pelo artigo 2.º a uma ratificação de limites de fronteiras que afinal não alterava as estabelecidas de principio.

E' certo que a China, vendo o exemplo do seu visinho Japão, começa a preparar-se para se impôr tambem, reagindo contra a atonia em que tem vivido. Os sintomas de reacção já de ha tempos se fazem sentir e, embora a transformação do Celeste Imperio não se opere facilmente, não ha duvida que em época mais ou menos remota se realise.

Para principiar a libertar-se da influencia europea, ensaia agora esta questão com Portugal, e se sahir bem, amanhã tentará outra qualquer com outra potencia europea e assim por deante, até firmar sua preponderancia.

Ao rever as provas deste artigo chega um telegramma que diz ficar suspensa a questão de Macau, conservando-se o *status quo*, em virtude de uma nota do governo inglês fazer sentir á China



A PORTA DO CÉRCO, LIMITE DA NOSSA COLONIA DE MACAU

que intervirá inergicamente se ella tentar qualquer hostilidade contra Portugal. A' ultima hora chega tambem o telegramma annunciando que o sr. general Machado já retirou para a Europa.

mas, tanta alegria e tanta gloria causaram á Patria!

E' assim que se pensa lá fóra, nos paizes onde ha civismo, onde ha virtude, e onde o espirito de nacionalidade está acima de todas as paixões ruins, egoistas e aviltantes, que podem fazer afundar um povo, que, embora tivesse um passado por vezes glorioso, está depauperado e decadente.

Em França, a nação latina que mais se tem engrandecido aos olhos do mundo, patria dos maiores artistas, sabios e heroes, teatro dos grandes acontecimentos, tem, no meio das suas leviandades, um elevado sentimento de nacionalidade, uma grande força de patriotismo, e isso basta para que esse povo se avante e sobreleve acima dos outros em espirito, generosidade e grandeza. Foi da França que surgiu a mais deslumbrante luz, foi de lá que saiu mau grado os seus detractores, o maior homem do seculo passado, aquelle que levando as idéas da liberdade a toda a parte onde a sua aguia podia pairar, soube crear esses exercitos modernos, que, constituídos como uma engrenagem de machina, se deviam applicar no sentido do progresso e da civilização. E onde residia essa força? Na cohesão, na ligação dos seus elementos, no civismo, na aristocracia militar, no heroismo e no amor da patria!

Esse fanatismo, que é a alma dos exercitos e que só se adquire no estudo da his-



PALACIO DO LEAL SENADO

toria passada, e na contemplação de venerandas reliquias, ainda ha pouco o fez bem sentir o notavel poeta francez Richepin na sua ultima conferencia realisada no theatro D. Amelia, tendo por thema — *A lenda napoleonica atravez dos poetas* — São commoventes as suas palavras quando se reporta ás reminiscencias da infancia descrevendo a profunda e inolvidavel impressão que recebeu quando seu pae, um militar como seu avô, o conduziu aos Invalidos para ver o tumulo do imperador. A frente de Napoleão ainda se podia ver sob o crystal da urna que encerrava os seus despojos, e Richepin que erguido nos braços paternos a contemplou por breves minutos, nunca mais poude esquecer tão característicos e energicos traços! Falla na ainda do quadro devido ao pincel do barão Gros, pertencente ao duque d'Aumale, onde está retratado o grande imperador, cujo olhar penetrante elle fixou, e assim evoca, sob estas duas grandes impressões, toda a epopeia do fundador do 1.º imperio.

Pois é assim, em vista das reliquias do passado, sob a contemplação dos nossos tropheus, que as almas dos novos se devem retemperar para o porvir, sem restricção de classe ou mister, onde todos concorram francamente e sem emulação para o mesmo fim, que é de interesse commum e da nossa querida patria! Só assim o Museu do Exercito pôde devidamente prehencher o seu fim, só assim elle pôde ser o templo do sacrificio e do amor da patria. Só assim poderia haver todo o disvelo e não veriamos, com magua e desalento, cair a pedaços sagrados objectos que nem se pensa em restaurar e salvar da destruição, pois os limitados recursos de que o Museu dispõe não alcançam actualmente o custeio de largas em- prezas.

A proposito e para que vejam quão justificados são os meus clamores, transcreveremos parte do discurso que o notavel pintor M. Edouard Detaille pronunciou a 11 de dezembro, no banquete dado pelos membros da Sabretache, sociedade que tão nobremente tem levantado as tradições do exercito francez.

«Depuis notre dernière réunion, une nouvelle Société c'est fondée: La Société des Amis du Musée de l'Armée.

«Le general de Monard en est le president, c'est vous dire, messieurs et chers camarades, que nous, pouvons etres assurés que dans aucune circonstance, le rôle de la Sabretache ne saurait être amoindri et que nos continuerons, comme par le passé à assumer la noble tâche à laquelle nous sommes voués.

«C'est très hautement que nous revendiquons l'honneur d'avoir fondé le Musée de l'Armée, en invoquant la memoire du général Vanson, et celle de mon maître Meissonier en faisant appel aux souvenirs des anciens, nous pouvons affirmer que, sans la Sabretache, le Musée de l'Armée n'existerait pas.

«Il a fallu notre tenacité, notre foi si ardente pour vaincre les resistences et surmonter tous les obstacles. Ce sont les admirables collections de Meissonier, qui ont été le fond du Musée et ces reliques sont doublement glorieuses: elles ont vu de feu des batailles et on servi à créer des chefs-d'oeuvre.

«Par qui ont été organisées les belles expositions rétrospectives du ministère de la guerre en 1889 et 1900?

«Uniquement par le soins de la Sabretache! et nous avons accompli de tout coeur et avec le plus absolu désintéressement je tiens à le faire remarquer, ce que nous considererons toujours comme notre devoir.

«Na guerre encore il s'agissait de réparer les drapeaux conquis qui tombaient en poussière. C'est encore la Sabretache qui a fourni tous les moyens pour les restaurer et les sauver de la destruction.

«Soyons fiers de tout ce que nous avons fait: nous en avons le droit et ce droit, nous s'affirmerons toujours très fermement.»

Este orgulho, esta nobre orientação dão preciosos fructos.

Nós que em tantas cousas seguimos o impulso do espirito francez, porque não imitaremos este bello exemplo, venerando com fanatismo e cuidando com extremo zelo, todos á porfia, do templo das nossas glorias passadas, que, se não presentam brilhantes conquistas, são ainda mais do que isso, pois são as testemunhas gloriosas dos muitos e nobres sacrificios que Portugal sempre fez em todas as epochas pela sua independencia, que é o mais sagrado direito d'um povo!

RIBEIRO ARTHUR.

A casa submarina

por
Max Pemberton

(Continuado do n.º 1118)

XIII

Mas os trovões despertaram os meus companheiros e Peter Bligh dando um salto ainda meio adormecido, perguntou estrepunhado se algum estava batendo á porta.

— Parece-me que é o diabo que vem ahí com a caldeira de Pero Botelho!... — observou elle — Demonio!... E é verdade!... Caíu um raio na casa, ou eu estou sonhando!

Peter julgou chalaçar connosco mas mal sabia que estava falando verdade.

A tempestade, que se armava desde o escurecer, desencadeou-se então com toda a força. O céu parecia continuamente illuminado por enormes relampagos. Os trovões succediam se uns aos outros, fazendo abalar a casa, e nos jardins viamos as grandes arvores desarraigarem-se e cair ao chão com impetuosidade. Por momentos pareceu-me que o cyclone nos arrebatava e que a abobada celeste se abria.

Era impossivel o bungalow resistir a tamanha tormenta.

Acabava de fazer este prognostico quando desgraçadamente se realisou.

Dolly Venn poz-se logo a pé e Seth Barker esfregava ainda os olhos cheios de somno, quando a casa se encheu de luz róxa e uma lingua de fogo nos envolveu todós.

A isto seguiu-se um cheiro forte a enxofre e ruidos como os de madeira ardendo, caíndo parte do vigamento a nossos pés.

N'aquella occasião nenhum de nós percebeu o que aquillo significava.

A verdade, porém, é que tinha caído uma faísca no bungalow.

Só podíamos encontrar salvação fugindo para o meio da neve, mas essa era mortal e já lhe tinhamos escapado duas vezes.

— Ha fogo!... ha fogo!... — gritou Peter, correndo como louco para a porta.

A esta voz uniu-se a de Duncan Gray, dizendo:

— Sigam me!... sigam-me todos se querem salvar a vida.

E tomando folego, deitou a correr para fóra do bungalow que tinha sido atingido pelo raio.

Toda a ala occidental da casa estava em chammas. Grandes linguas de fogo se elevavam por sobre as nossas cabeças, illuminando o jardim como uma luz de dez mil lampadas.

O fumo asphixiante, o ar que abrasava, as faúlhas que enchiam a atmospheria, tudo nos obrigava a fugir d'ali, o mais depressa possível.

Gritavamos uns aos outros aconselhando, ora ás alturas dos montes, ora a praia, enquanto outros maldiziam a sorte que os tinha trazido á maldita ilha.

Nenhum de nós conservava n'aquelle momento, a serenidade precisa para decidir qual seria o caminho a seguir.

Não é facil adivinhar o que nos occorria, a não ser pela neve que caía e pela densidade do ar sulphuroso que estavamos respirando. Mas a natureza deteve nos por fim, e anhelantes e exhaustos, fizemos alto no bosque, para recapitularmos o que devíamos fazer.

— Para o mar! — gritou Peter Bligh esquecendo a sua coragem, coisa rara n'elle. — Vamos para o mar ou sou um homem morto.

Mas Seth Barker replicou:

— Se houver ar respiravel, é na montanha; aqui vamos morrer com certeza.

Dolly, porém, que estava bastante fatigado, voltou se para mim dizendo:

— Capitão! Não posso dar um passo. Estou completamente extenuado, estou morto.

Fiquei sem saber que lhe responder.

O doutor Gray encarregou-se de nos guiar.

— Eu lhes ensinarei o caminho se me quiserem seguir...

— E por que não?

— Porquê? Porque o caminho que lhes vou ensinar, é o da casa de Czerny, a casa submarina.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



O Tropeu de Xadrez Luzo-Britannico

(Madrigal á Sua Real Padroeira, offeriando-Lhe, em 15-11-909, um exemplar (Illustrado das obras poeticas de Lord Tennyson).

I

Tennyson! De Victoria
Laureado adereço,
Qual o cantor de Ophelia!
Só vos desejo a gloria
De ser tido em apreço
Pela rainha Amelia!

II

Branços vultos de Enide,
Elaine e Guinever
Dos Idilios do Rei!
Junto de Amelia ide.
Não mintu se disser
Que pelas trez chorei.

III

Oh talento sublime,
Que sabes commover
Da alma as fibras mais puras!
Que Amelia vos estime,
E sinta algum prazer
Com tão bellas pinturas!

ALFREDO ANJUR.

N. B. — S. M. dignou se de agradecer o livro, por meio de delicadissima carta de Sua Excelencia o Conde das Galveias, veador de serviço.



NECROLOGIA

Joaquim Nabuco

No dia 19 do corrente recebeu-se em Lisboa a noticia de ter falecido, em Washington, Joaquim Nabuco, que ali estava como embaixador do Brasil junto da Republica Norte Americana.

Ha vinte e nove annos que Joaquim Nabuco pisou pela primeira vez terras de Portugal, quando, em 1881, visitou Lisboa, onde foi recebido como um verdadeiro amigo deste país, pois que o primeiro livro que escreveu e publicou, em 1873, teve por titulo *Camões e os Lusíadas*, revelando assim quanto lhe mereciam as glorias de Portugal, não esquecendo de que em suas veias girava sangue portuguez.

Foi justa a recepção que lhe fizeram, na sala do parlamento onde Joaquim Nabuco assistiu a uma sessão. Quando o illustre deputado brasileiro appareceu nas galerias da camara, Antonio Candido logo propoz para que fosse convidado a tomar logar na sala e, num discurso primoroso, cheio de entusiasmo saudou o grande apostolo da abolição da escravatura no Brasil.

Se isso não bastasse para tornar simpatico Joaquim Nabuco, a sua figura despresticiosa e in-

sinuante, mais de aspéto meridional do que americano, atrairia sobre o joven deputado todas as atenções e carinhos dos portuguezes, que vendo nelle um filho do Brasil, não poderia negar que tinha suas raizes no velho Portugal.

Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araujo, era natural de Pernambuco, onde nasceu em agosto de 1850, filho do notavel estadista brasileiro conselheiro Nabuco de Araujo, que o educou na escola liberal de que era um dos principaes chefes.

Joaquim Nabuco era bacharel em direito e principiou as suas funções publicas eleito deputado por Pernambuco, e depois secretario da embaixada brasileira nos Estados Unidos do Norte.

Deputado no congresso brasileiro, foi um dos maiores defensores da abolição da escravatura no Brasil, pugnando tambem na imprensa pela mesma causa, como publicista de vigoroso ta'ento.

Ainda no governo do imperio exerceu importantes cargos além de deputado. Com o advento da republica, Joaquim Nabuco desempenhou comissões diplomaticas, quer na missão extraordinaria junto do rei da Italia, para defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Guyana inglesa, de que o soberano italiano era arbitro, quer como embaixador em Londres e depois em Washington, cargo em que faleceu agora.

Joaquim Nabuco tinha pronunciada simpatia pelos portuguezes e ainda não ha muitos annos, quando foi da revolta de parte da marinha brasileira e que os revoltosos, perdidos, vieram refugiar-se sob a bandeira portugueza, nos navios de guerra que estavam no Rio de Janeiro do commando de Augusto de Castilho, elle foi dos que mais e melhor defendeu na imprensa a acção humanitaria e ao mesmo tempo valorosa do illustre comandante portuguez.

Florencio Sarmiento

Na avançada idade de oitenta e dois annos, faleceu em 13 do corrente, na casa de sua residencia á rua da Escola Politecnica, n.º 231, o venerando publicista e escritor dramatico Florencio Sarmiento, de ha muito retirado das lides literarias.

Nem por isso a sua completa falta é menos sentida, porque entristece sempre o ver apagam-se espiritos tão lucidos e de valia intelectual como era o de Florencio Sarmiento, que reunia a rara duplicidade do economista, de que publicou importantes estudos, e a de dramaturgo, de que deu valiosas provas publicas.

Florencio José do Lago Sarmiento, nasceu em Lisboa a 7 de novembro de 1827. Tendo feito os seus cursos no antigo liceu de S. João Nepomuceno, no Colegio dos Nobres e Aula de Comercio, ao commercio se dedicou, sendo por muitos annos guarda-livros da Companhia de Lanifícios de Torres Novas.

A carteira comercial suggeriu-lhe estudos economicos, e no *Jornal do Comercio* publicou por 1860 varios trabalhos de valor sobre economia social e politica. Mas ao mesmo tempo que se entregava a estes estudos, foi tambem cultivando a literatura dramatica, e, em 7 de dezembro de 1864, era representada no teatro de D. Maria, em beneficio da actriz Delfina, uma peça sua intitulada *No tempo dos francezes*, estudo consciencioso daquella época, perfeitamente caracterizada, e que alcançou o applauso da plateia, a par de um parecer elogioso do Conselho Dramatico de então.

A essa peça seguiu-se a comedia *Condessa de Villar*, representada no teatro do Principe Real, em beneficio da actriz Margarida Clementina, que tambem teve bom exito. Fez representar depois naquelle mesmo teatro, de que era empresario o actor Carlos Santos (Santos Pitorra), uma outra peça magica, *A Varinha de Condão*, que foi recebida pelo publico com certa frieza, o que desgostou o autor de dar mais originaes para o

teatro, não obstante continuar em seus trabalhos literarios e comediografos, como *O cabelleireiro do poeta*, *Caçadores de casamentos*, *As aguas Livres*, *Nicolau Tolentino*, *Na feira do Campo*

ideaes de progresso como se fóra um novo, apesar de avançado em annos.

Florencio Sarmiento deixa viuva a sr. D. Anna dos Santos Sarmiento, a quem reiteramos a expressão de nosso pesar assim como a toda a familia.

C. A.



JOAQUIM NABUCO

Grande, *Em casa do sr. Rebello*, *O compadre Barnabé*, etc.

Entretanto escreveu e publicou *Estudos praticos de Economia e Administração Commercial e Industrial*, *Estudos Sociaes*, *Alvites para a instituição de uma Caixa Nacional de pensões*, publicado no vol. XXVII do OCCIDENTE de 1907.

Em qualquer destes trabalhos afirmou tanto o estudo das questões de commercio e socialismo, como seu espirito eminentemente pratico.

Tivemos a boa fortuna de nos ultimos vinte annos privarmos na sua amizade e por isso conhecer de perto e avaliar as excellentes qualida-



FLORENCIO SARMIENTO

des de Florencio Sarmiento, a par da muita illustração e conhecimento da vida e dos homens que sua conversa revelava.

Sentimos a sua morte como a de um bom amigo e bom portuguez, de saos principios, professando

PUBLICAÇÕES

Calendarios ilustrados. — Recebemos os seguintes que agradecemos:

Da Companhia de Seguros de Vida A NACIONAL, representando em baixo relevo a figura da *Independencia*, emblema desta acreditada companhia portugueza, a primeira deste genero de seguros em Portugal. CACAU E CHOCOLATE INQUEZ, um lindo crómo representando uma bela figura de mulher que apresenta os magnificos productos desta fabrica, a primeira deste genero no país.

Almanach Brinde para 1910 da papelaria e tipografia de Paulo Guedes & Saraiva, Lisboa, rua Aurca, 76 a 80. É um livrinho de algebeira com todas as indicações deste genero de almanachs, annunciando tambem todos os productos á venda neste bem sortido estabelecimento.

Almanach Mascaro. — É bom livrinho de algebeira publicado pela casa A. V. Mascaro, estabelecida na rua de S. Paulo, 9, 1.º, cujo commercio é de fornecimento de material tipografico.

Anuario Commercial de Portugal para 1910, propriedade de Manuel José da Silva, diretor Caldeira Pires, 30.º anno, Lisboa, Praça dos Restauradores, 30, Palacio Foz. Está publicado este livro util, o guia mais seguro para todos que precisam tratar de negocios ou causas nas repartições do Estado, tribunaes, nas provincias e em Lisboa, contendo mais de um milhão de moradas, etc. O *Anuario Commercial de Portugal* abrange 2 volumes com cerca de 3.000 paginas, compreendendo: CALENDARIOS com todas as indicações concernentes; LISBOA, sua situação geografica, clima, etc., divisões administrativa, ecclesiastica, eleitoral e judicial, roteiro, indicação do que ha digno de se visitar, plantas dos teatros, meios de transporte, etc.; MORADAS; INSTITUIÇÕES de administração, ensino, militares, etc., profissões; CAMINHOS DE FERRO; NAVEGAÇÃO; PRAIAS; SANATORIOS; TERMAS; ALFANDEGAS; CORREIOS E TELEGRAPHOS; MERCÊS HONORIFICAS, etc. Estas informações tanto respeitam a Lisboa, como ás provincias, ilhas e colonias, indicando o principal commercio, industria e produção dos diversos concelhos do reino e colonias, assim como as feiras e mercados.

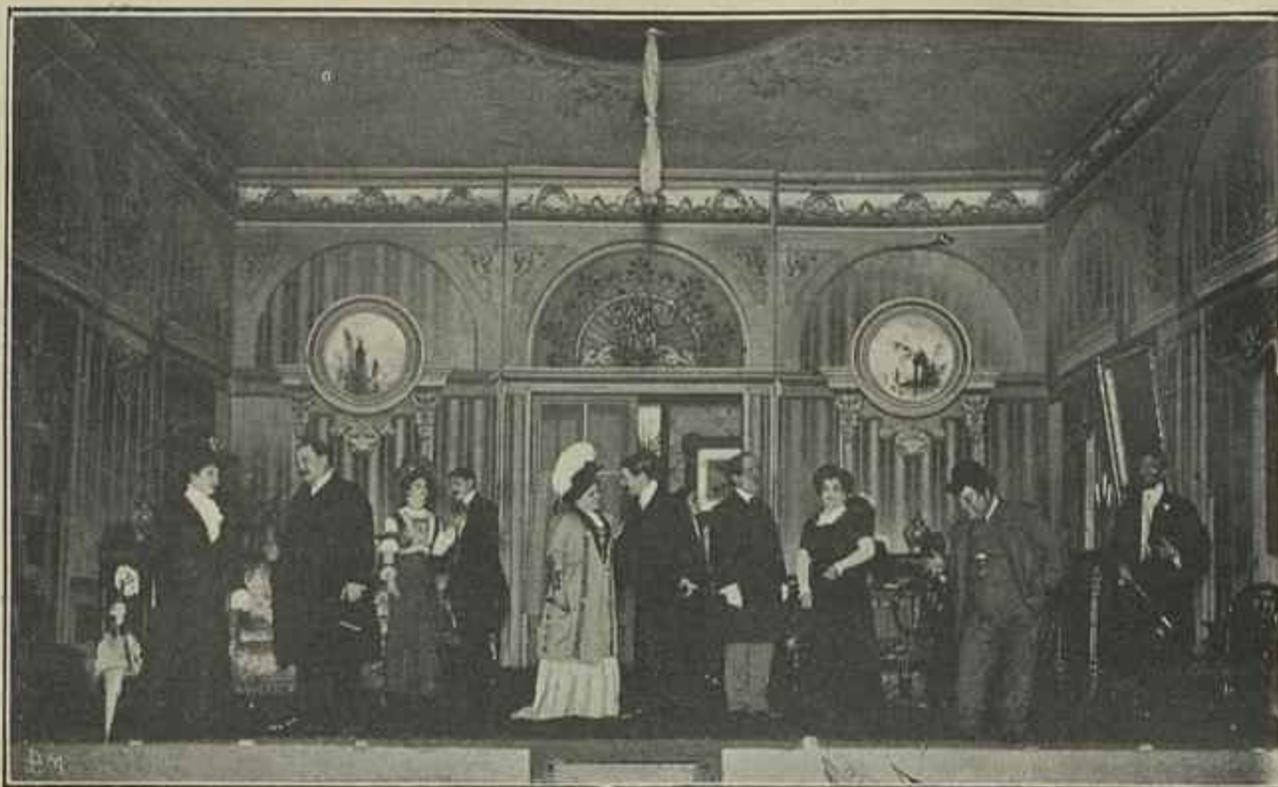
E incontestavel a utilidade do *Anuario Commercial de Portugal*, que de anno para anno tem ido aumentando sua informação de modo a satisfazer as exigencias do publico em geral e do commercio em especial.

Lisboa Douro-Ribatejo. — Numero unico, com a colaboração de individualidades em evidencia na literatura, politica, arte, ciencia, diplomacia de varios paizes, etc. Lisboa. Tipografia do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27, 1910. Está publicado este numero unico, organizado por Manuel José da Silva, Caldeira Pires e Eduardo Noronha, com o exclusivo fim de caridade, sendo o produto da venda destinado a mitigar as calamidades que assolaram o Douro e Ribatejo.

O fim caritativo desta publicação bastaria para a recomendar, mas é certo que ella se recomenda ainda pela beleza de suas 36 paginas de irrepreensivel execução tipografica, a côres, em bellissimo papel, onde melhor sobresaem as profusas illustrações que as adornam, devidas a artistas portuguezes e brasileiros, e colaboração literaria muito variada e interessante.

Este excellento numero unico é ao mesmo tempo um primoroso especimen dos trabalhos executa-

Teatro do Gimnasio



UMA CENA DA COMEDIA «VINTE DIAS À SOMBRA»

Tem estado em cena no teatro do Gimnasio esta engraçadissima comedia em 3 actos de Maurice Hannequin e Pierre Veber, traduzida pelo sr. Portugal da Silva, e que é das melhores produções teatraes daquelles festejados autores. A comedia, muito parisiense, tem contudo a grande vantagem de não ter ditos nem situações equivoacas, sem que isso lhe prejudique a graça do dialogo e das situações comicas de grande imprevisto. O desempenho salisfaz, devendo-se especialisar as actrizes Carmen, Maria Alagôa, Rosa de Andrade e os actores Telmo, Cardoso, Machado e Albuquerque, a quem fôram confiados os papeis principaes.

E' peça para continuar nos cartazes por muito tempo, pois o publico a tem aplaudido com justiça.

dos na *Typografia do Annuario Commercial*, rivalizando com os similares estrangeiros.

O seu preço é de 18000 réis.

Mobiliario de Reis & Fonseca. — E' este o titulo de um excelente catalogo de moveis da casa Reis & Fonseca, em Lisboa, estabelecida no largo do Calhariz, 27, uma das primeiras de marcenaria, a qual teve o premio de medalha de ouro, na ultima exposição do Rio de Janeiro, onde concorreu com

os produtos das suas oficinas. O catalogo tem 64 paginas, impresso em papel *coché*, principiando por apresentar os retratos dos fabricantes, com uma resumida historia do mobiliario, seguindo-se os 167 desenhos de moveis diferentes e em diversos estilos, desde os mais ricos até aos mais modestos, pois de todos este estabelecimento fornece ao publico.

E' um belo especimen este catalogo e digno de ser examinado.

COMERCIO E INDUSTRIA

Entre os estabelecimentos commerciaes de ferragens devêmos especialisar nesta secção a casa dos srs. Augusto dos Santos Alves & C.ª, estabelecida na rua da Boavista, 58 a 68, como uma das primeiras no fornecimento de ferragens e ferramentas, que não temos duvida em recomendar aos nossos leitores.

A COUTO, Alfayate

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Novas Instalações d'este Atelier



Rua da Emenda, 118, 1.º

Esquina da Rua do Loreto (à Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de comissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na côr para collecções

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis

PHOTOGRAPHIA FERNANDES

Grande novidade em photo-oleographia, ou photographia, colorida a oleo por um processo moderno

Especialidade em retratos de creanças

REPRODUCCÕES — AMPLIAÇÕES

Trabalhos fóra do atelier

Photographias de animaes, paisagens, Jardins, Interiores, etc., etc.

PREÇOS CONVIVATIVOS

Lisboa — Rua do Loreto, 43 — Lisboa